

REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA

TOMO L -1/3- 1994

MARIA-DO CÉU PATRÃO NEVES

Entre a Psicologia e a Metafísica:
A «Ciência do Homem».
Contributo de Maine de Biran para a
«Antropologia Filosófica»

FACULDADE DE FILOSOFIA DA U.C.P.

BRAGA - 1994

**ENTRE A PSICOLOGIA E A METAFISÍCA:
A «CIÊNCIA DO HOMEM»
CONTRIBUTO DE MAINE DE BIRAN PARA A
«ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA»**

“L’homme est l’intermédiaire entre Dieu et nature.

Il tient à Dieu par son esprit et à la nature par ses sens.”

Maine de Biran, *Nouveaux essais d’Anthropologie*

Maine de Biran não foi um filósofo sistemático, no sentido em que a sua doutrina não se desenvolve num todo coerente e circunscrito, mas antes brota espontaneamente em resposta às exigências da sua vida interior. Também não foi o que designaríamos como “um filósofo de profissão”, tendo-se predominantemente empenhado na gestão das coisas públicas. Assim, para além do *Journal intime*, que escreve de 1794 até à sua morte, e que pela natureza das questões abordadas e profundidade da sua reflexão constitui testemunho de uma vocação sucessivamente adiada, os seus trabalhos mais importantes foram de circunstância, redigidos frequentemente por ocasião de concursos¹. A sua bibliografia — que hoje se reconhece vasta — só postumamente veio a ser publicada em volume significativo, nunca se tendo preocupado o autor em dar a conhecer o seu pensamento².

¹ Cf.: *Influence de l’habitude sur la faculté de penser*, trabalho premiado pelo Instituto de França e publicado por iniciativa do autor, mas anonimamente, em 1802; *Mémoire sur la décomposition de la pensée*, igualmente premiado e publicado em 1805; *Mémoire sur les rapports du physique et du morale de l’homme*, premiado pela Academia de Copenhaga e publicado em 1820. Entre os estudos mais notáveis de Maine de Biran importa mencionar o *Essai sur les fondements de la psychologie*, de 1812, *Rapports des sciences naturelles avec la psychologie*, de 1814, e os seus *Essais d’Anthropologie*, de 1823-24, que ficaram inacabados por morte do filósofo em 1824.

² Maine de Biran publicou pouco (apenas três trabalhos, dos quais dois anonimamente), mas escreveu muito (notas de leitura, rascunhos, textos de conferências, ensaios, fragmentos de obras inacabadas e o seu precioso *Journal intime*). A primeira iniciativa de publicação da sua obra foi de

Não obstante, à medida que a obra de Maine de Biran vai surgindo a lume, a sua importância na história da filosofia vai-se afirmando de forma indiscutível. A determinante orientação do pensamento da exterioridade dos sentidos para a interioridade da consciência, a descoberta do eu como vontade e como causa de si e a abertura a uma via do espírito consentânea com uma exigência de positividade dos factos, são aspectos fundamentais que depressa confirmaram a originalidade desta meditação numa linha de continuidade com a tradição do pensamento francês. Partindo da interioridade do sujeito, o filósofo eleva-se maximamente até ao plano supremo do absoluto em que vem a recuperar a então desacreditada metafísica³. Maine de Biran retoma a filosofia da consciência de inspiração cartesiana, aprofunda-a e desenvolve-a de modo a abranger a totalidade do homem, na sua capacidade cognoscitiva como na sua estrutura psicológica. Depois envereda pela via do espírito, quer por exigência da objectividade do conhecimento, quer por virtude da aspiração moral do homem. Ele funda assim a notável família do “positivismo espiritualista” — nas palavras de Henri Gouhier⁴. Simultaneamente, revela-se também como um dos primeiros filósofos a ter um projecto de reflexão sobre o homem inteiro e concreto, a procurar constituir uma “ciência do homem”.

Ora é na perspectiva do contributo de Maine de Biran para a constituição da antropologia como disciplina filosófica que iremos prosseguir. Pretendemos mostrar que o interesse de Biran pelo “homem interior” é anterior à própria “conversão ao biranismo”, em 1804⁵, e suscitado pelo seu método de reflexão. De seguida procuraremos evidenciar como o nascimento da psicologia assinala a constituição da antropologia como ciência do eu na sua unidade concreta e integral. Por último, retomaremos a célebre doutrina biraniana das “três vidas” do homem, mostrando que elas, sucedendo-se hierarquicamente, se mantêm irredutíveis no seu valor específico, sendo cada uma por si só indispensável para a vida completa do homem. Tornar-se-á assim evidente que a antropologia biraniana exige o percurso integral da psicologia à metafísica, ciências em que se fundamenta, se estrutura e se constitui.

Victor Cousin, em 1838 e 1841, a que se seguiram outras, entre as quais se destacam a de François Naville, em 1845, a de seu filho Ernest Naville, em 1857 e 1859, e a de Pierre Tisserand, entre 1920 e 1939.

³ Henri Bergson considerará Maine de Biran o maior metafísico francês desde Descartes e Malebranche.

⁴ “Or, si «positivisme spiritualiste» est un nom de famille, le premier qui doit le porter est bien Maine de Biran.”, Gouhier, “Introduction”, in *Maine de Biran. Oeuvres Choiesies*, p. 22. Nomes como os de Ravaisson, Lachelier, Boutroux, Blondel, Bergson, virão a juntar-se a esta família que ajudarão a caracterizar nos seus traços mais expressivos.

⁵ A expressão é de Henri Gouhier, in *Les Conversions de Maine de Biran*, p. 169, e reflecte a ideia de que o filósofo terá começado a expor o que de mais específico caracteriza o seu pensamento com a redacção da *Mémoire sur la décomposition de la pensée*, terminada nos finais do ano de 1804. “Maine de Biran tornou-se biraniano” entre 26 de Outubro de 1803 e 25 de Abril de 1804.

A ciência do homem é uma psicologia metafísica. Por outro lado, o homem enquanto homem, enquanto sujeito singular e autónomo define-se entre o domínio das sensações e o apelo do espírito. O homem é corpo e espírito. Assim também se cumpre plenamente o duplo sentido do título a que subordinámos a nossa reflexão: “Entre a Psicologia e a Metafísica: a «Ciência do Homem»”.

1. Da reflexão sobre o “hábito” à “fenomenologia da consciência”

Historicamente Maine de Biran parte de Condillac e dos ideólogos — Cabanis e Destutt de Tracy — prosseguindo na mesma linha de reflexão, ou seja, procurando descobrir a origem da ideia. É verdade que cedo se torna crítico de Condillac, sobretudo no que se refere à teoria das “sensações transformadas” por meio da qual este pretendia explicar o desenvolvimento da actividade psíquica a partir da afecção das sensações exteriores. Maine de Biran não concebe que sensações exteriores, puramente passivas, possam alguma vez vir a suscitar a vida consciente. Todavia, não coloca em causa a tese comum de que o conhecimento provém das sensações.

Apoiando-se em Cabanis, principalmente na sua afirmação de que as sensações causadas pelos objectos não são as únicas fontes das ideias mas que existem também faculdades de observação interior, Maine de Biran enuncia a distinção fundamental entre “impressões passivas” ou sensações e “impressões activas” ou percepções. Recorrendo a Destutt de Tracy, sobretudo à sua noção de “motilidade” (*motilité*) ou capacidade de nos movermos, o nosso filósofo separa a faculdade de sentir da faculdade de mover⁶. Ele fará então derivar a actividade do homem de um princípio igualmente activo, e dirá que são as impressões do esforço voluntário e da resistência que estão no princípio da actividade consciente e que formam o conhecimento do eu. O filósofo aposta assim também na dualidade originária do conhecimento.

Importa acrescentar que ao longo desta reflexão sobre a génese da vida mental do homem, que corresponde à reformulação biraniana da obra de Condillac, também Cabanis e Destutt de Tracy não ficam isentos de crítica. O autor censura-os por não terem desenvolvido suficientemente as implicações das suas próprias observações. Porém, e não obstante o afastamento que se começa a desenhar, Maine de Biran não rompe de imediato com o século XVIII a que pertence. É na perspectiva da ideologia que, em 1802, responde à questão colocada pelo Instituto de França — “qual a influência do hábito sobre a faculdade de pensar?” — e que, em 1804, apresenta a concurso a *Mémoire sur la décomposition de la faculté de penser*⁷. Ambos os trabalhos reflectem claramente a preocupação dominante do autor, a distinção

⁶ A “Conclusion” de *Influence de l’habitude sur la faculté de penser* constitui um bom resumo sobre o progresso das teses biranianas em relação à ideologia.

⁷ A sua redacção começou no ano de 1802.

fundamental entre passividade e actividade. O hábito, reagindo diferentemente sobre as sensações ou sentimentos — que por sua influência se degradam — e sobre as percepções — que se aperfeiçoam — constitui prova irrefutável daquela distinção⁸. A distinção torna-se ainda mais nítida através da análise ou decomposição do pensamento. Porém, nenhum destes estudos ultrapassam o domínio da perspectiva fisiologista, e nem mesmo a *Mémoire sur la décomposition de la faculté de penser*⁹ apresenta o cariz específico que o tema virá a assumir sob o signo do positivismo psicológico.

Detendo-nos um pouco neste tema maior do biranismo, podemos verificar que a separação no espírito de duas séries de factos, os passivos e os activos, não deriva unicamente da reflexão de Maine de Biran sobre as questões colocadas pelos ideólogos, mas responde também a uma preocupação sua anterior. O gosto pela observação interior, a instabilidade de que sofre, o sentimento da necessidade de uma vida tranquila e perfeita, suscitam desde sempre no filósofo o desejo de se conhecer a si próprio e a aspiração à felicidade. Ora importa aqui recordar que a par de Condillac e dos ideólogos, o jovem Maine de Biran acolheu também a influência de Rousseau e dos estóicos. De Jean-Jacques Rousseau toca-o principalmente a ideia de que o sentimento íntimo nos move a crer em Deus. Declaradamente agnóstico — a razão jamais nos pode conduzir a Deus —, ele deseja que Deus exista; e sem atribuir uma bondade natural ao homem, acredita que só por via da virtude se pode alcançar a felicidade. Aqui transparece já a influência dos estóicos, que lhe oferecem também o tipo humano exemplar: aquele que, pelo domínio da vontade, é capaz de controlar as paixões e de progressivamente alcançar o acordo consigo próprio e, desta sorte, a serenidade e a felicidade.

A expressão do espiritualismo biraniano não é pois tardia, mas revela-se nas preocupações morais que afligem Maine de Biran desde as primeiras páginas do *Journal intime*. Por outro lado, a sua inicial reflexão de carácter existencial e de dimensão singular, depressa ganha um significado filosófico ao estender-se à universalidade dos homens: de que é que dependem os estados de alma? Como

⁸ Acerca da influência do hábito sobre as sensações cf. *Influence de l'habitude sur la faculté de penser*, 163-171 pp.; acerca da influência do hábito sobre as percepções cf. *Ibid.*, 175-6 pp.

⁹ Esta obra anuncia já a “conversão ao biranismo”. Se é ainda sob a perspectiva da ideologia que Maine de Biran a compõe, não há dúvidas que, quer o princípio da doutrina exposta — o “facto primitivo” é o esforço voluntário —, quer o método praticado — experiência interna ou reflexão interior —, quer sobretudo o sentido da investigação — análise psicológica da origem da consciência e da constituição do eu —, são já biranianos. Victor Delbos comenta assim a evolução da obra do filósofo: “[...] le *Mémoire sur la décomposition de la pensée* et les travaux qui suivront établiront bien une philosophie nouvelle: moins par des changements matériels apportés aux théories des *Mémoires sur l'habitude* que par une transposition formelle du principe de ces théories”, in Delbos, *La Philosophie Française*, p. 309.

distinguir os dois diferentes estados de alma (lassitude e acção)? Quais os que constituem o “eu”? Em que consiste o “eu”? Sobre o que é que a alma se deve apoiar para alcançar a paz?¹⁰ Este é o mais originário problema que se depara a Maine de Biran e que virá a desencadear a sua vocação filosófica, não sendo afinal suscitado por qualquer tendência filosófica mas tão simplesmente pela sua própria reflexão interior.

Em suma, podemos dizer que a obra filosófica que Maine de Biran é chamado a desenvolver e as preocupações pessoais que desde jovem o vinham atormentando se combinam na reflexão acerca do que no homem é pura passividade, recepção de sensações exteriores, e do que nele é plena actividade, faculdade de agir. Se por esta via se vem a compreender diferentemente a génese da vida mental e se reformula o princípio do conhecimento, também se estabelece o domínio da moralidade em que a liberdade e a responsabilidade ganham lugar. Não surpreende pois que Maine de Biran passe da reflexão sobre o “hábito”, que domina a sua obra anterior ao biranismo, para uma “fenomenologia da consciência”, a partir da qual nasce a psicologia e se aprofunda o conhecimento do homem.

A doutrina biraniana constitui-se, desde a sua origem, pela reflexão acerca da natureza humana.

2. A descoberta do “facto primitivo” e a afirmação do sujeito “hiper-orgânico”

“O nascimento do biranismo coincide com o da psicologia” — diz Gouhier¹¹ — e a psicologia anuncia-se na *Mémoire sur la décomposition de la pensée* e vai-se estruturando e desenvolvendo progressivamente até parecer encontrar a sua forma definitiva no *Essai sur les fondements de la psychologie*, em 1812¹². Esta nova ciência — sabêmo-lo já — não se confina ao empirismo tradicional ou se subordina ao positivismo comtiano. A experiência interior é agora considerada válida e introduz-se a noção de “facto interior”, o qual não deixa de ser “facto” por

¹⁰ “De quoi dépend donc l'état de mon âme? d'où viennent ces sentiments confus, tumultueux, au travers desquels je ne me connais plus? Je fuis l'agitation et sans cesse elle se reproduit en moi malgré mes efforts; ma volonté n'exerce aucun pouvoir sur mon état moral [...]. Qu'est-ce donc que cette activité prétendue de l'âme? Je sens toujours son état déterminé par tel ou tel état du corps. Toujours remuée au gré des impressions du dehors, elle est affaissée ou élevée, triste ou joyeuse, calme ou agitée selon la température de l'air, selon une bonne ou mauvaise digestion. Je voudrais, si jamais je pouvais entreprendre quelque chose de suivi, rechercher jusqu'à quel point l'âme est active, jusqu'à quel point elle peut modifier les impressions extérieures [...]. Cet examen devrait, ce me semble, précéder un bon traité de morale.”, Maine de Biran, *Cahier-Journal*, 27 de Maio de 1794, ed. Tisserand, p. 59.

¹¹ *Les Conversions de Maine de Biran*, p. 182.

¹² A *Mémoire* é como que uma primeira redacção de uma obra que só vem a conhecer a sua forma mais acabada no *Essai sur les fondements de la psychologie*.

ser “interior”. Ora, é neste âmbito alargado que Maine de Biran procede ao que considerámos ser uma “fenomenologia da consciência”, descrição da experiência que o eu tem de si próprio. Nesta experiência o sujeito é pensado enquanto tal, na intimidade da coincidência consigo mesmo, e não como objecto, distanciado de si, exteriorizado em relação a si. Sob estas condições descobre-se o “facto primitivo do sentimento íntimo” como consistindo no esforço muscular voluntário¹³. Simultaneamente estabelece-se o ponto de partida da psicologia.

É no momento em que o sujeito desenvolve um esforço motor voluntário sobre um objecto material que lhe oferece resistência que ele se apercebe a si próprio como outro distinto do objecto e assim como sujeito. Ou seja, é por ocasião de uma iniciativa própria que se dá o sentimento da existência e se ganha consciência de si, não unicamente como fenómeno mas na sua mais profunda e intrínseca realidade. O facto primitivo, aparentemente de mero carácter existencial, assume não só uma dimensão gnosiológica — o conhecimento que o eu tem de si —, mas também ontológica e moral: a afirmação do ser do homem na sua autenticidade real dá-se na expressão da sua própria actividade.

Com efeito, é na experiência do facto primitivo que radicam todas as determinações do homem. Na apercepção, imediatez em que o “eu” toma consciência de si como sujeito¹⁴, ele apreende-se simultaneamente como acção, pois não há consciência de si fora da acção. Do mesmo modo, e porque a sua vontade é o princípio da acção, o “eu” reconhece-se igualmente como vontade. Ora a vontade que o conduz à acção é uma vontade própria, pelo que o “eu” se descobre ainda como causa, *causa sui*. Consciência, acção e vontade coincidem na apercepção biraniana a qual nos revela um homem essencialmente causa de si.

As implicações que o facto primitivo biraniano encerra são de vária ordem. Primêiramente torna-se evidente a crítica que constitui ao *cogito* cartesiano. O *cogito ergo sum* de Descartes é agora reformulado por Maine de Biran para *volô ergo sum*, uma vez que é no exercício da vontade, na expressão do “querer” que o “eu” descobre a sua existência. Assim se estabelecem as condições para um voluntarismo que o filósofo não desenvolve mas que, a atribuir-se-lhe retrospectivamente, deverá considerar-se como mitigado sobretudo pelo desenvolvimento futuro da sua originária tendência espiritualista. Do mesmo modo se reconhecem as condições para um idealismo pelo qual o filósofo não envereda em virtude do realismo psicológico em que se funda a sua reflexão.

¹³ Sem ter adquirido a sua expressão final, mas sobretudo sem se ter desenvolvido na totalidade das suas implicações, a teoria do esforço motor voluntário encontrava-se já nas *Mémoires* dedicadas ao hábito, estreitamente ligada à distinção das faculdades sensitivas e perceptivas. No entanto, só mais tarde se explicita como “facto primitivo”.

¹⁴ A “apercepção” designa um conhecimento interior pelo qual o eu afirma a sua existência.

Aliás, a crítica de Maine de Biran a Descartes estende-se a diversos aspectos que se sintetizam, *grosso modo*, no confronto entre uma filosofia da substância e uma filosofia da causa¹⁵. O “eu” cartesiano é substancial, o de Maine de Biran é causal. Ou seja, o *cogito* é uma realidade que subsiste idêntica a si própria e que subjaz às alterações que decorrem da existência; o *volo* é uma força que, no sentimento de resistência que provoca, se conhece como tal e conhece o real circundante. Por isso a metafísica positiva biraniana dissocia a substância da causa. Maine de Biran compreende a “substância” como uma noção abstracta, à qual nega qualquer realidade pela exigência de se manter ao nível dos fenómenos. A causa é sempre um facto¹⁶.

Um terceiro aspecto implicado no facto primitivo e que nos merece igualmente destaque é o do sujeito da apercepção escapar a toda e qualquer explicação mecanicista, uma vez que, em virtude da sua espiritualidade radical, não se poder reduzir a um esquema materialista. Com efeito, o esforço motor voluntário é apreendido não por um sentimento comum mas por um sentimento íntimo que, como tal, é simultaneamente revelador de uma realidade física — presente no esforço muscular — e de uma realidade espiritual — presente no esforço voluntário.

E eis-nos assim reconduzidos ao facto primitivo na sua imediatez originária, o qual agora se nos evidencia na sua natureza “hiper-orgânica. Na apercepção o sujeito não se apreende apenas na sua dimensão física, corpórea, de que as afeções eram já reveladoras, mas também como “querer”, dimensão que não se reduz a uma explicação orgânica e requer outro nível de compreensão. Maine de Biran chamalhe “hiper-orgânica”; os seus escritos confirmá-la-ão como espiritual.

O “eu” apreende-se, pois, como material e imaterial, objecto e sujeito, corpo e vontade ou espírito. Por consequência, ele toma consciência de si como um composto cujos elementos, imediatos, são em si mesmo absolutamente irreduzíveis e entre si radicalmente indissociáveis. O dualismo de que Maine de Biran parte, entre a vida afectiva e a capacidade motora (sensibilidade e percepção), entre a passividade e a actividade, parece agora evoluir para o tradicional dualismo de matéria e espírito, corpo e alma.

No entanto, o dualismo biraniano é na verdade apenas metodológico. A destrinça fundamental entre passividade e actividade conduz o filósofo à afirmação

¹⁵ Cf., Henri Gouhier, “Introduction” in *Maine de Biran. Oeuvres Choiesies*, p. 33.

¹⁶ Este eu (eu psicológico), que o facto primitivo descobre como causa individual, coloca afinal, inevitavelmente, o problema da substancialidade do eu. Como garantir a prevalência da realidade do “eu” quando este não age, ou seja, por exemplo, durante os períodos de repouso? Numa primeiro momento Maine de Biran procurará solucionar a questão recorrendo à perspectiva leibniziana da ciência do ser como força ou energia, ou seja, essencialmente dinâmica. Mais tarde, por volta do ano de 1813, o filósofo reconsiderará o problema, atendendo já à acção do absoluto metafísico, e então na perspectiva do positivismo espiritualista.

do “facto interior”, realidade aparentemente dual mas efectivamente una. E porque no caso biraniano a doutrina corresponde ao desenvolvimento do método, o “facto primitivo” reflecte uma dualidade imanente que, pertinente sob o ponto de vista metodológico, enuncia uma radical unidade.

O “eu” nunca nos é dado no seu estado puro, mas antes se nos descobre sempre unido a um corpo. Por sua vez, também o corpo nunca é percebido como simples objecto, mas antes é ele próprio igualmente sujeito. No esforço muscular a tomada de consciência do “eu” dá-se em rigorosa simultaneidade com a evidência da realidade do corpo. Maine de Biran terá assim contribuído decisivamente para elucidação da questão que dominou a reflexão filosófica acerca do homem desde a Antiguidade clássica, a saber: como conjugar o sentimento que o homem possui da sua unidade com a percepção que tem da sua dupla dimensão? Ou, tal como o cartesianismo veio a radicalizar: como relacionar as duas substâncias que compõem o homem? A resposta biraniana, totalmente original na sua época, é a de uma nova concepção de homem, a do sujeito “hiper-orgânico”. O “eu”, não sendo corpóreo, está indissoluvelmente ligado a um corpo o qual, porque é meu, é sujeito. Assim, o homem, sem reprimir ou se abstrair do que nele é orgânico, sabe-se ser mais do que isso. Não há conflito ou dificuldades, o homem é radical e originariamente corpo e consciência.

A realidade do “facto primitivo” e do sujeito “hiper-orgânico” são coincidentes na ordem dos factos, mas pertencem a diferentes ordens de razões¹⁷: enquanto a descoberta do “facto primitivo” estabelece a base para uma psicologia científica; a afirmação de um sujeito “hiper-orgânico” constitui o ponto de partida para o que, em termos contemporâneos, designaríamos por uma antropologia do homem incarnado.

Da instituição da psicologia, através da descoberta do facto primitivo, à estruturação da antropologia, pela a afirmação do sujeito “hiper-orgânico”, sobressaiem as características definidoras do homem. O homem biraniano é concreto, integral e uno. Concreto, porque compreendido na experiência imediata e real que tem de si; integral, porque considerado na completude da sua realidade, ou seja, na sua dimensão corporal como na sua dimensão espiritual; e uno, porque verdadeiramente indivisível na sua dupla realidade.

3. As “três vidas” do homem

Dos escritos antecipadores do biranismo à *Mémoire sur la décomposition de la pensée* (1805) e desta ao *Essai sur les fondements de la psychologie* (1812), o homem afirma-se na distinção e na unidade da passividade orgânica e da actividade

¹⁷ Por razões metodológicas temos vindo a tomar a realidade do “facto primitivo” e do sujeito “hiper-orgânico” separadamente o que não acontece na obra de Maine de Biran.

do eu. Maine de Biran virá entretanto a fazer corresponder estes aspectos a dois diferentes planos da existência que designará por “vida animal” e “vida humana”¹⁸, respectivamente. A “vida animal” caracteriza-se pelo domínio do que é exterior ao homem e sobre ele age; a “vida humana” pela manifestação da força interior do homem e consequente domínio das paixões. Nesta perspectiva, ao homem é dado viver em qualquer um destes dois planos, se bem que ele apenas se descubra, afirme e realize enquanto homem ao nível da actividade da consciência. Ou seja, o homem só é verdadeira e plenamente homem quando vive de acordo com o que lhe é próprio. A antropologia biraniana consiste pois num individualismo do sujeito incarnado fundado na autonomia da vontade.

A filosofia biraniana do “eu” começa a sofrer algumas alterações a partir de 1813, sobretudo a partir da redacção do *Rapport des sciences naturelles avec la psychologie* naquele mesmo ano¹⁹. Entre 1813 e 1818, a psicologia do esforço vai cedendo lugar à filosofia do absoluto, à metafísica. Mas só por volta do ano de 1818 Maine de Biran se abre definitivamente ao apelo da graça.

O modo como a realidade do absoluto se vai tornando premente deriva de questões diversas que lhe vão surgindo como, por exemplo: o ser dos fenómenos é autónomo ou dependente? eles manifestam-se a si exclusivamente ou manifestam algo mais para além dele? Porém a teoria da crença não pode ser explicada apenas por preocupações de âmbito gnoseológico que se prendem fundamentalmente ao já indicado problema da substancialidade dos fenómenos, da substancialidade do eu. Maine de Biran sente desde sempre a necessidade de um ponto de apoio, superior ao seu eu, para concretizar a tão ambicionada felicidade. Principalmente nas experiências de dor profunda ou de grande desespero, o filósofo não se sente capaz de, por si só, vir a alcançar a felicidade. O “querer” — verifica — não é sinónimo de “poder”. Nesta perspectiva, o apelo à graça divina parte fundamentalmente de um sentimento interior e é, em última instância, um facto íntimo.

Sem afinal renunciar alguma vez à psicologia, o filósofo desenvolve agora um espiritualismo que, partindo do homem, aspira ao absoluto. Trata-se do que Gouhier designa por “psicologia da graça”²⁰. Consequentemente, ele consolida o seu pensamento metafísico já não estruturado apenas do ponto de vista do sujeito mas também do ponto de vista supremo. Ora, sem querer aqui enveredar pela análise das dificuldades de conciliação entre a psicologia do concreto e o espiritualismo cristão, entre o sujeito hiper-orgânico e a criatura à imagem e semelhança de Deus, não podemos deixar de chamar a atenção para a importante inflexão de pensamento que a teoria da crença representa.

¹⁸ A “vida humana” é inicialmente designada por “vida de relação” já na *Mémoire* de 1805 ou, em geral, por “vida de consciência”.

¹⁹ Nesta obra transparece uma crítica ao facto primitivo e esboça-se uma introdução à metafísica.

²⁰ Cf., *Les Conversions de Maine de Biran*, p. 389.

No que diz respeito à concepção de homem, em que nos centramos neste estudo, verifica-se uma radical alteração na apresentação do eu. A originária unidade do sujeito e do seu corpo — aspecto mais inovador e fecundo da antropologia biraniana — cinde-se numa inevitável separação da alma e do corpo. Inevitável, porque o filósofo deixa de reconhecer a sua vontade como capaz de estabelecer a harmonia em si; inevitável ainda porque a actividade do homem, antes essencial, deve ceder lugar à passividade para que Deus, que é pura actividade, possa agir no homem²¹. Ou seja, o eu psicológico, activo e hiper-orgânico, torna-se passivo e espiritual e, neste sentido, perde-se como “eu”²². Por isso também o individualismo psicológico se transmuta num humanismo metafísico, em que a espiritualidade humana se suspende agora do absoluto e em que a passividade do ser se torna receptiva à comunicação.

A continuidade da meditação biraniana persiste na medida em que as evoluções que se vão verificando derivam das experiências íntimas que se vão sucedendo.

À existência de uma “vida animal” e de uma “vida humana” que a psicologia explicitara (e radicalizara) acrescenta-se agora a “vida do espírito” em que a religião nos introduz. A “vida animal” é essencialmente passiva. Ela designa a vida comum a um organismo mergulhado no mundo das sensações, das paixões, dos instintos, cujos movimentos consistem em reacções aos estímulos exteriores. A “vida humana” é essencialmente activa. Ela designa a vida de um sujeito consciente de si e que se afirma causa de si. A “vida do espírito” é essencialmente passiva, mas de modo diverso do que caracteriza o primeiro nível. Na “vida animal” a passividade é anterior à afirmação do eu e sinónimo de degradação da vida que ao homem é dada viver. Na “vida do espírito” é o sujeito que voluntária e livremente abdica da sua vontade e da sua liberdade, que conscientemente abdica da sua acção. A passividade é agora indício de elevação, de divinização da alma²³. É pois necessário conquistar a “vida humana” para poder vir a aceder à “vida do espírito”, mas é também necessário perder o orgulho de ser homem para, afinal, poder ser mais do que homem numa aproximação a Deus²⁴.

²¹ Maine de Biran substituiu assim o ideal estóico (domínio da vontade) pelo ideal cristão (domínio do espírito).

²² “Au-dessus et au-dessous de cet état [l'état propre et naturel de l'homme], il n'y a plus de lutte, plus d'effort ni de résistance, par suite plus de moi; l'âme est dans cet état d'élévation, mais tantôt c'est en se *divinisant*, tantôt en *s'animalisant*.”, Maine de Biran, *Nouveaux essais d'anthropologie*, p. 323. Persiste a noção de “eu”, não só como vontade e actividade, mas como força e resistência.

²³ “Il résulte de tout cela que le premier degré d'abaissement comme le plus haut point d'élévation peuvent se lier à deux états de l'âme où elle perd également sa personnalité; mais dans l'un c'est pour se perdre en Dieu, dans l'autre c'est pour s'anéantir dans la *créature*.”, *Ibid.*, 322.

²⁴ “La deuxième vie de l'homme ne semble lui être donnée que pour s'élever à cette troisième [...]. Mais il y a quelque chose de plus, c'est l'absorption de la raison et de la volonté dans une force

Perfeitamente hierarquizados e sempre irreduzíveis na sua especificidade, os três planos da existência articulam-se agora harmoniosamente, na medida em que só no seu conjunto definem a natureza inteira ou total do homem²⁵. A “vida do espírito” requer o silêncio dos desejos, dos sentimentos, das paixões, como requer a suspensão do exercício da vontade como *causa sui*. E sem que nenhuma das vidas anteriores seja causa da vida superior do espírito, elas são indubitavelmente sua condição.

O homem verdadeiro homem vive no estado intermédio em que preserva a consciência do eu e exerce a acção livre da vontade²⁶. O seu destino, porém, é o de se superar na sua condição humana, é o de se perder enquanto homem para se divinizar na absorção em Deus.

4. A “ciência do homem”

É fundamentalmente a partir de 1813 e, de uma forma mais sistemática e circunscrita, até 1818 que Maine de Biran desenvolve uma antropologia. O período anterior é dominado pela estruturação da psicologia e o que se segue caracteriza-se por preocupações metafísicas, pelo que, em sentido restrito, são aqueles os anos do Biran antropólogo.

Sem dúvida que a “ciência do homem interior” está já constituída aquando da redacção dos *Fondements de la psychologie*. Porém, o filósofo vai-se progressivamente apercebendo de que esta “ciência do homem” não pode ficar cingida à psicologia se se pretender abarcar o homem inteiro. É então que o *Essai sur les fondements de la psychologie* se desenvolve e se transforma nos *Nouveaux essais d'anthropologie*. Nesta perspectiva mais alargada, o Biran antropólogo é o de 1813 a 1824, tendo o seu projecto filosófico permanecido ainda inacabado.

Aliás, o que cremos ter ficado evidenciado ao longo do presente trabalho é o domínio constante da reflexão acerca do homem na obra biraniana. Neste sentido maximamente amplo Maine de Biran terá sempre procurado constituir uma antropologia. Assim, é a meditação sobre o homem interior que inicialmente conduz o filósofo a inaugurar a via de uma psicologia positiva, como é ela também que mais

suprême, absorption qui constitue sans effort un état de perfection et de bonheur.”, Maine de Biran, *Nouveaux essais d'anthropologie*, in *Oeuvres choisies*, p. 290. É indispensável que o eu se faça centro para conhecer todas as coisas e a si mesmo. Mas uma vez adquirido o conhecimento, surge a ideia de um fim mais elevado a que todos os conhecimentos, inclusivé o do próprio eu, se reportam.

²⁵ “La question est de savoir précisément si la troisième vie ne peut pas coexister avec la deuxième, comme la seconde avec la première. C’est ce que je crois possible [...]”, *Ibid.*, p. 296. A irreduzibilidade entre as três “vidas” atenua-se agora.

²⁶ “L’état intermédiaire est celui où l’être conserve sa personnalité avec sa liberté d’agir; c’est le *conscium*, *compos sui*, qui est l’état propre et naturel de l’homme, celui où il exerce toutes les facultés de sa nature, où il développe toute sa force morale [...]”, Maine de Biran, *Nouveaux essais d'anthropologie*, p. 322-323.

tarde o impele para uma metafísica religiosa. Ou seja, é para constituir a “ciência do homem” que Maine de Biran recorre aos dados da psicologia científica da sua época, que depois reformula; é para finalizar a “ciência do homem” que Maine de Biran transforma a sua reflexão filosófica numa reflexão sobre a experiência religiosa. A antropologia biraniana estende-se, pois, da psicologia à metafísica e a “ciência do homem” constitui-se verdadeiramente como uma psicologia metafísica — como havíamos anunciado²⁷.

No entanto, tornou-se já evidente que a “ciência do homem” biraniana deve ser entendida num sentido lato como num sentido estrito. No primeiro, ela considera o homem na totalidade das suas expressões: desde o que na sua natureza pertence ao mundo dos sentidos, à vida animal, até ao que o aproxima do domínio da serenidade e do repouso da alma, à vida do espírito. No segundo, ela considera o homem estritamente na sua humanidade.

Ora o homem em si mesmo, na existência própria em que constitui a sua essência, só subsiste ao nível da vida humana, entre o domínio da “vida animal” e da “vida do espírito”. Desta sorte, o estudo do homem concreto, na sua singular autenticidade, decorre rigorosamente para além da investigação sobre as faculdades do eu e para aquém do interesse pela natureza da alma, ou seja entre a instituição da psicologia como ciência e a recuperação da metafísica.

Assim sendo, e não obstante a preocupação constante de Maine de Biran em reflectir sobre o homem concreto e “todo inteiro”, a sua antropologia dificilmente se destaca da sua psicologia ou da sua metafísica como uma nova disciplina filosófica. Ela carece quer da sistematicidade característica de um estudo com um objectivo bem definido, quer de um método próprio²⁸. E, todavia, pela sua atenção ao homem concreto, real, pelo esforço inacabado de constituir uma “ciência do homem”, pelo alargamento da realidade humana à intimidade dos seus sentimentos, pela consideração do corpo como constituinte inalienável do homem, pelo estudo metódico do homem nos seus diferentes níveis de existência, por todos estes aspectos não se pode subestimar o contributo de Maine de Biran para a instituição da antropologia como disciplina filosófica.

Além deste contributo directo, acresce ainda a repercussão, mais ou menos significativa, que a antropologia biraniana teve no pensamento contemporâneo e que se encontra ainda por estudar em profundidade. A sua influência não está ausente, por exemplo: de Louis Lavelle, no apelo à intimidade do “eu”, na valorização da sua absoluta irredutibilidade, na indivisibilidade da consciência; ou de Gabriel Marcel,

²⁷ A filosofia de Maine de Biran, a sua reflexão no que tem de mais genuíno — a meditação sobre o homem — apaga as fronteiras entre a psicologia e a metafísica e garante a continuidade de um pensamento por vezes sinuoso.

²⁸ É o método de reflexão interior da psicologia que pervalece. Daí que também o apelo à graça corresponda afinal a um segundo “facto íntimo”.

nos níveis de reflexão que propõe — reflexão primeira e segunda —, e na comunhão ontológica dos seres, mas sobretudo na afirmação da existência como facto primeiro e na compreensão do existir como o sentir-se incarnado no seu próprio corpo; ou ainda de Merleau-Ponty, na percepção como experiência originária e principalmente na noção de “corpo-próprio”²⁹.

Se a reflexão de Maine de Biran sobre o homem não alcança o estatuto de disciplina filosófica ela assume-se indubitavelmente como um marco indispensável na história da filosofia, em particular na história da constituição da antropologia, numa história que permanece ainda inacabada ...

BIBLIOGRAFIA

MAINE DE BIRAN, *Influence de l'habitude sur la faculté de penser*, in *Oeuvres*, Tomo II. Paris, J. Vrin, 1987.

— *Mémoire sur la décomposition de la pensée*, Tomo III, 1988.

— *Rapports du physique et du moral de l'homme*, Tomo VI, 1884

— *Essai sur les fondements de la psychologie*, Tomo VII,

— *Nouveaux essais d'anthropologie*, tomo X-2, 1989

DELBOS, Victor, *La Philosophie Française*. Paris, Librairie Plon, 1919, p.300-323

— *Maine de Biran et son oeuvre philosophique*. Paris, J. Vrin, 1931.

GOUHIER, Henri, “Introduction”, in *Maine de Biran. Oeuvres Choisies*. Paris, Aubier-Montaigne, 1942, 5-44 pp.

— *Les Conversions de Maine de Biran*. Paris, J. Vrin, 1948, 440 pp.

SERTILLANGES, R.P., *Le Christianisme et les philosophies. L'Age Moderne*. Paris, Aubier, 1941, 269-284 pp.

MARIA DO CÉU PATRÃO NEVES

Universidade dos Açores

²⁹ A importância do pensamento biraniano em autores franceses que se formam na escola fenomenológica, como por exemplo Maurice Merleau-Ponty ou Sartre, está ainda por aprofundar.